

LESLIE WOLFE

A RAPARIGA
DO LAGO
SILENCIOSO

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos livros

1

SILÊNCIO

Fitou-o através de um borrão de lágrimas, o coração a palpitar contra a sua caixa torácica, as abraçadeiras de plástico a cortarem-lhe a carne enquanto lutava para se libertar. O homem estava de costas para ela enquanto dispunha alguns objetos num tabuleiro, o suave tinido metálico, um presságio surreal que lhe gelou o sangue e lançou os seus pensamentos num turbilhão de puro e irracional terror.

Lançou um rápido olhar à filha, forçando-se a infundir esperança e coragem nos seus olhos lacrimosos. A sua filha de oito anos, Hazel, estava amarrada a uma cadeira a poucos metros da sua. Chorava, sacudindo o seu pequeno peito a cada respiração entrecortada. Quando os seus olhares se cruzaram, os soluços de Hazel tornaram-se mais altos, abafados pelo lenço com que ele lhe tinha tapado a boca, mas suficientemente fortes, mesmo assim, para atrair a atenção do homem.

– Para com isso – ordenou ele em voz baixa. Virou-se e deu alguns passos decididos na direção de Hazel; depois parou, os seus olhos ameaçadores a poucos centímetros dos da sua menina.

Alison ficou paralisada.

O homem agarrou numa madeixa dos longos cabelos de Hazel e brincou com ela, enrolando-a à volta dos dedos. Em seguida, chegou-se mais perto e inalou o seu cheiro. O olhar aterrorizado da menina parecia ser divertido para ele. Soltou-lhe o cabelo e, com o polegar,

limpou uma lágrima da face da criança, lambendo depois o líquido salgado com um gemido de satisfação.

– Não chores – sussurrou ele. – A tua mamã ama-te tanto, não é verdade?

Hazel calou-se, como que demasiado assustada para emitir outro som, mas as lágrimas escorriam-lhe livremente pelas faces, ensopando o tecido do lenço. Havia algo de sinistro na voz do homem, na forma como tinha proferido aquelas palavras, uma sensação de mau presságio que causou arrepios descontrolados na espinha de Alison.

– Por favor – pediu ela –, é só uma menina.

Um sorriso torto repuxou um dos cantos da boca do homem.

– É, não é? São sempre – acrescentou ele, num tom quase amargurado.

Virou-lhes então as costas e o tinido de objetos a serem depositados num tabuleiro fez-se de novo ouvir contra o silêncio frio.

Não era o monstro esfarrapado dos bosques que alguém imaginaria ser capaz de raptar uma mãe e a sua filha e de as manter reféns numa cabana longínqua. Tinha a barba feita e cheirava a *aftershave* caro; estava bem vestido, com roupas novas e caras; e a cabana para onde as tinha levado era grande e limpa. A haver algo de estranho, teria de ser a absoluta ausência de objetos pessoais, ainda que a cabana tivesse claramente sido habitada por algum tempo.

Parecia confortável e empedernido nas suas atividades, como se já o tivesse feito muitas vezes. Não havia hesitação nos seus movimentos nem medo nos seus olhos negros quando a fitava, quando parecia estar a examiná-la como faria com um móvel ou uma obra de arte que pretendesse adquirir.

Dos ombros largos do homem e do seu cabelo preto, o olhar de Alison passou para as paredes imaculadamente brancas e para o chão de azulejo. No canto mais afastado da divisão, junto à porta, a argamassa de cimento estava manchada, com algo castanho-avermelhado a tingir o cinza-claro do material poroso. Não conseguia desviar os olhos daquele ponto, onde as linhas de intersecção da argamassa partilhavam uma mancha que tinha de ter sido maior, como uma poça de líquido a avançar pelas juntas entre as lajes de granito e a parar junto à parede.

Devia ter limpado os azulejos, mas o líquido tinha manchado o cimento de forma permanente, em testemunho do que acontecera naquele chão.

Sangue.

Alison sentiu uma nova vaga de pânico apoderar-se do seu cérebro. Obrigou-se a controlá-la, a manter algum resquício de controlo sobre os seus pensamentos acelerados. Respirou lentamente, retendo o ar dentro dos pulmões durante alguns segundos antes de o expirar.

A memória da sua mãe invadiu-lhe a mente, o cheiro a canela e o tom suave da sua voz ao perguntar:

– Porque tens de ir de férias para a Costa do Pacífico? Sozinha com uma criança, não é seguro, querida. Não nos dias de hoje. Já não. Porque não levamos antes a Hazel a Savannah?

O som da voz da mãe a ecoar na sua memória fez-lhe os olhos arder com novas lágrimas. Teria ela sabido o que ia acontecer? Talvez tivesse visto um dos seus inquietantes sinais de alerta, uma Lua de Sangue ou um pôr do Sol manchado, sinais que Alison sempre tinha descartado com indiferença, atribuindo-os às raízes cajun da sua mãe, nada mais do que superstições sem fundamento.

Oh, mãe, pensou ela, vêes algum sinal de que regressaremos a casa?

Inspirou vigorosamente, uma vez mais, firmando a sua força de vontade. Debateu-se contra as amarras, retraindo-se ante a dor nos locais onde as abraçadeiras lhe tinham cortado a pele, em torno dos pulsos. Estava sentada numa cadeira de madeira, com as mãos amarradas atrás das suas estreitas costas direitas. Tinha os tornozelos presos às grossas pernas quadradas da cadeira e, por mais que se obrigasse a dobrar os tornozelos para partir as abraçadeiras, só conseguia fazer com que estas lhe cortassem ainda mais a carne.

Quando ele se virou e se aproximou dela, Alison choramingou e abanou a cabeça, apesar da sua decisão de manter a calma durante o máximo de tempo possível, para bem da filha. O pânico percorria-lhe o corpo a cada passo que o homem dava na sua direção; os seus olhos fixaram-se no tabuleiro prateado que ele transportava e depois no banco de quatro pernas que ele colocou entre a sua cadeira e a de Hazel, depositando o tabuleiro em cima.

Fitou-o diretamente, tentando ler a expressão nas suas pupilas negras, o significado por detrás do seu sorriso frio. Quando começou a entender, soluços incontrolláveis embargaram-lhe a respiração, enquanto o terror que lhe inundava o corpo se tornava absoluto, implacável.

Ele jamais as iria deixar partir. Tinha a morte escrita nos olhos, uma sentença silenciosa que estava prestes a executar, recebendo-a com um sorriso sanguinário e a atitude casual de um homem absorto numa agradável atividade de domingo à tarde.

Minha pobre bebé, pensou Alison, isto não pode estar a acontecer. Não posso deixar que aconteça.

Freneticamente, tentou libertar-se. Atirou-se ao chão, na esperança de que a cadeira pudesse quebrar sob o seu peso.

Caiu violentamente e, por um momento, a queda deixou-a sem ar nos pulmões. Ele levantou-a facilmente, agarrando-a com dedos implacáveis que lhe esmagaram a carne.

– Não, não – implorou ela, engasgando-se com as suas próprias lágrimas. – Por favor, deixe-nos ir. N-nós não dizemos nada, juro.

Ele não respondeu; a sua única reação às palavras foi o ampliar do seu sorriso. Alison calou-se.

Retirando um pente cor de marfim do tabuleiro, ele penteou-lhe demoradamente o cabelo, até crepitar. A mente de Alison estava acelerada, tentando prever o que se seguiria, grata por ele estar concentrado nela e não em Hazel.

Se ao menos ele a deixasse ir, pensou, agarrando-se à esperança surreal como a de um homem a afogar-se agarrado a uma palhinha.

Ele dividiu-lhe o cabelo ao meio, da frente para trás, e separou as longas madeixas em duas partes iguais. Sempre que os dedos lhe tocavam no cabelo ou roçavam contra a sua pele, Alison estremecia, com os dentes a bater; todo o seu ser se insurgia, sem saber quando viria o golpe, e como. Só sabia que viria. Em breve.

O homem começou a entrançar-lhe o cabelo, lenta e pacientemente, parecendo saborear a atividade enquanto trauteava baixinho uma canção de embalar. Ver os seus movimentos, vê-lo transportado pela experiência, sentir os seus dedos no couro cabeludo era um peso vivo, do qual deixara de ter esperança de alguma vez vir a acordar.

– Porquê? – sussurrou Alison, virando ligeiramente a cabeça para o encarar.

Ele puxou-lhe o cabelo para lhe manter a cabeça no lugar.

– Fica quieta. Estamos quase a terminar.

Quando terminou a trança, atou-a com uma fita de cabelo invulgar, feita à mão a partir do que parecia ser cabedal e adornada com minúsculas penas. Em seguida, virou-a para o lado esquerdo e começou novamente a entrançar, trauteando a mesma melodia familiar.

Durante algum tempo, Alison não reconheceu a melodia, só sabia que a conhecia. Mas então a sua mente frenética começou a sobrepor palavras ao trautear do homem. Seguindo o seu instinto, engoliu as lágrimas e começou a cantar baixinho:

– E se o mimo não cantar, um anel de diamante a mamã te vai...

Paralisou ao ver a reação dele ao seu canto. Em vez de o enternecer, como esperava, as suas feições tinham-se transformado em pedra, os músculos rígidos a formar nós sob a sua pele, o olhar intenso, ardente, os nós dos dedos a estalar enquanto cerrava os punhos.

– Canta – ordenou ele, mas só um gemido lhe saiu dos lábios.

– Canta, raios – gritou o homem, agarrando na trança inacabada e obrigando Alison a virar-se para ele.

Hazel gritou; um grito breve e abafado, rapidamente sufocado por soluços lacrimosos.

A voz de Alison tremeu, enquanto cantava fora de tom, mas ele não pareceu importar-se.

– Se o anel de diamante deixar de brilhar, um espelho cintilante a mamã te vai dar – consegui eu entoar. – Por favor, imploro-lhe – gemeu em seguida, fungando.

– Canta – gritou ele.

Alison estremeceu, a letra que tão bem conhecia subitamente apagada da sua memória.

– Canta – repetiu ele, num tom intransigente. Estava quase a acabar de lhe entrançar o cabelo; o que iria fazer a seguir?

Por favor, meu Deus, não o deixes tocar na minha bebé, rezou silenciosamente. Em seguida, numa voz mais de lamento do que de canto, entoou a música infantil:

– E se esse espelho se quebrar, um cabritinho a mamã te vai...

Parou quando ele enrolou a fita de cabelo na ponta da sua trança. Tremia violentamente e sentia-se fria, gelada, apesar do sol de fim de tarde que entrava pela janela. No silêncio mortal, ouviu os pássaros a cantar do outro lado da janela, alheios ao pesadelo contido entre as paredes da cabana isolada.

O homem olhou para Hazel por um longo e pesado momento, estendendo depois a mão para tocar nos cabelos da menina. Parecia estar a pensar no que fazer a seguir.

Alison susteve a respiração, num frenesim de pensamentos. *Não, não...*

Como que ouvindo a sua súplica, o homem dirigiu-se a Alison e parou mesmo diante dela. Estudou-lhe o rosto por um longo momento, sem dizer nem fazer mais nada.

Alison engoliu em seco, com a garganta apertada por um medo indescritível, e obrigou-se a cantar um pouco mais:

– E se a carroça perder o pé, serás na mesma o mais doce bebé...

Sem aviso, o homem rasgou-lhe a blusa. Alison arquejou e tentou afastar-se dele, fazendo força com os pés contra o chão, mas ele segurou-a, com a mão a queimar-lhe a pele nua.

– Por favor, à frente da minha filha não – implorou ela. – Faço tudo o que quiser.

Se ao menos Hazel não tivesse de assistir ao que ia acontecer. Se ao menos não tivesse de a ver daquela maneira.

O riso do homem ecoou pelas paredes vazias. Chegou-se mais perto do rosto de Alison, tanto que ela sentiu o seu hálito quente na cara.

– Eu sei que vais fazer tudo o que eu quiser – replicou ele, ainda a rir-se. – Estás preparada?

Os gaios-azuis que enchiam o vale com o seu chilrear calaram-se de repente quando o grito dela rasgou o ar límpido da montanha.

2

CASA

A última hora da sua viagem de regresso foi tão encantadora como Kay se lembrava, com a faixa de betão perfeitamente reta da interestadual, que atravessava a planície desértica, a ser gradualmente substituída pelas sinuosas curvas de inclinação suave que atravessavam os densos bosques da floresta nacional. Em seguida, com o aumento da altitude, a folhagem desvaneceu-se, dando lugar a árvores de folha persistente e a encostas mais abruptas e curvas mais acentuadas, implacáveis. As folhas de outubro estavam a mudar de cor, um espetáculo que valia bem a viagem às montanhas a norte de São Francisco, quanto mais não fosse para assimilar as cores do belo outono californiano.

Interrompeu o fluxo de ar condicionado que saía dos respiradouros do *Ford* e abriu antes uma janela, deixando o vento brincar com os seus cabelos louros ondulados e trazer-lhe o cheiro quase esquecido a folhas caídas, a orvalho matinal sobre a verdejante vegetação, a cascatas e agulhas de pinheiro e à promessa de neve.

La voltar para casa.

Uma viagem que não queria fazer nunca mais.

Suspirou e, sem se dar conta, tocou na lateral da caixa de cartão que tinha colocado no lugar do passageiro com uns longos e finos dedos gelados, que teriam deixado qualquer pianista profissional orgulhoso. A caixa branca exibia a insígnia do Departamento Federal

de Investigação, mais conhecido por FBI, e continha os seus pertences pessoais. Poucas horas antes, tinha esvaziado a sua secretária e recolhido tudo o que havia tornado sua uma das secretárias no quinto andar da divisão regional de São Francisco. Uma caneca de café com uma caricatura de um cão farejador, presente de um colega. Dois livros, um sobre psicologia criminal e outro sobre construção de perfis em crimes violentos, ambos repletos de notas adesivas vermelhas e amarelas introduzidas entre as suas páginas. Uma fotografia sua, a pescar na Costa do Pacífico, ao largo da costa rochosa em Sea Cliff. Uma placa de secretária em ouro escovado sobre nogueira maciça, com o seu nome em letras maiúsculas precedido do seu título, AGENTE ESPECIAL KAY SHARP. Só o som dessas palavras na sua mente costumava bastar para a fazer endireitar os ombros largos e dar vigor aos seus passos, acrescentando cerca de três centímetros à sua altura e fazendo com que o seu queixo delicado se projetasse confiantemente para a frente.

Tudo isso estava agora no passado, e ela ia voltar para casa.

Lembrou-se de como havia sido doloroso recolher todos os seus pertences e guardá-los na caixa emprestada pelo depósito de provas, sair porta fora, sabendo que não voltaria na segunda-feira seguinte. Manteve a cabeça erguida enquanto se despedia, combatendo o ardor das lágrimas ao mesmo tempo que olhava uma última vez para o recinto e se dirigia apressadamente ao elevador, dando um último aperto de mão, enquanto descia os cinco andares, e saindo depois do edifício. Ao arrancar do parque de estacionamento, no seu *Ford Explorer* branco, lançou um último olhar ao arranha-céus, reparando, como sempre, em como o céu perfeitamente azul se refletia nas janelas espelhadas. Depois, virou à esquerda, rumo a norte.

Rumo a casa.

Tudo porque Jacob não conseguira controlar o seu maldito temperamento.

O seu tímido irmão mais novo, Jacob, tinha-se transformado num homem bastante corpulento, de braços e costas esculpidos pelos músculos que tinha desenvolvido a trabalhar nas obras durante o verão, onde quer que conseguisse arranjar trabalho. Jacob tinha tido sempre dificuldades; não se relacionava bem com os outros e, aparentemente,

também tinha problemas de controlo de raiva. Esses eram novos; sempre o conhecera como um homem amável, reservado, incapaz de fazer mal a uma mosca.

Quando lhe ligara, alguns dias antes, a sua voz estava carregada de vergonha e arrependimento.

– Vou para a cadeia, mana – disse ele, indo diretamente ao cerne da questão, como sempre fazia. – Eu... não sei como aconteceu. Ele provocou-me, atirou-me uma garrafa à cabeça, e eu só lhe bati uma vez. Mas mandei-o abaixo. – Fez uma pausa e pigarreou antes de prosseguir, falando quase num sussurro. – Nunca pensei que o juiz me mandasse cumprir pena, foi por isso que não te disse.

– Quanto tempo? – perguntou Kay, enquanto as lágrimas lhe inundavam os olhos. O seu pequeno Jacob, na prisão. Apesar da sua estatura, não fora feito para a prisão; não duraria muito tempo. A sua natureza bondosa e a sua atitude tímida atrairiam as sevícias de criminosos de carreira que sabiam orientar-se lá dentro. Se ele lhe tivesse dito, Kay teria aparecido para testemunhar em seu favor, para defender o seu carácter, e talvez o juiz tivesse contemplado a possibilidade de uma pena suspensa.

– Seis meses – respondeu ele, ao fim de um longo momento. – Mas posso sair...

– Caramba – reagiu ela. – Como foste capaz...

Impediu-se de continuar. Não servia de nada massacrá-lo. Jacob já estava ciente do que tinha feito e de todas as implicações, e, a julgar pelo seu tom de voz, estava a afogar-se em culpa.

– Sabes o que isso significa, mana – acrescentou ele. – Tens de...

– Quando tens de te apresentar e onde? – interrompeu Kay.

– Na próxima sexta-feira, às nove da manhã, em High Desert.

A Prisão Estadual de High Desert ficava a poucas horas de viagem de casa. Poderia visitá-lo, talvez dar uma palavrinha ao diretor da prisão, como cortesia profissional, talvez, se é que tal coisa alguma vez se aplicara aos antigos agentes do FBI. E ia querer falar com aquele juiz, e perguntar-lhe porque se sentira impelido a aplicar pena efetiva a um arguido sem cadastro pelo que parecia não ter passado de uma rixa de bar.